

Resenhas

Essay

As relações entre famílias populares e escola:
o lugar de uma confrontação desigual
entre dois modos de socialização

The relations between regular families and school:
facing different ways of socialization

Maria José Braga Viana*

THIN, Daniel. *Quartiers populaires: l'école et les familles*.
Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1998, 290p.

Daniel Thin é professor de Sociologia da Universidade Lumière de Lyon II e membro do Grupo de Pesquisa dessa mesma Universidade que, desde o final dos anos 70, investiga os processos de socialização. Em *Quartiers populaires: l'école et les familles*,¹ o autor dá a conhecer os fundamentos e os resultados de uma investigação que buscou compreender as relações entre professores, trabalhadores do serviço social² e famílias populares urbanas. Os bairros populares onde residem as famílias investigadas constituem o cenário principal da investigação. O ponto de vista a partir do qual Thin aborda essas relações e as transforma em objeto de estudo sociológico é o das diferenças e oposições entre modos de socialização em famílias populares e o modo escolar de socialização.

O autor organiza e tematiza os resultados de sua investigação,³ na obra em questão, da maneira que segue. No capítulo 4, descreve a maneira como as famílias populares são percebidas pelos professores e trabalhadores do serviço social

* Professora da Faculdade de Educação da UFMG.

¹ Trabalho que tem origem na tese de doutorado do autor: *Les relations entre enseignants, travailleurs sociaux et familles populaires urbaines: une confrontation inégale*, Université Lumière-Lyon II, 1994, 564 p.

² Esses entendidos como mediadores entre o bairro e a escola, entre as famílias populares e os professores, um tipo de profissional que não se confunde com a categoria sócio-profissional do "assistente social" no caso brasileiro. São profissionais que, por exemplo, monitoram atividades "peri-escolares", como os deveres de casa.

³ A pesquisa empírica do autor se desenvolveu em 5 escolas primárias, situadas em dois bairros populares da cidade de Lyon/França, esses últimos habitados por famílias que vivenciavam grandes dificuldades econômicas, entre elas, numerosas famílias estrangeiras. Foram entrevistados 34 professores (23 mulheres e 11 homens), 8 profissionais do serviço social e 58 famílias.

(p. 61-92). Os traços e características das práticas socializadas familiares, identificadas como “não escolares”, são trabalhadas no capítulo 5 (p. 93-126). No capítulo 6, é destacado um traço forte das práticas das famílias populares com vistas à escolarização dos filhos: a ambigüidade (p. 127-170); e nos capítulos 7 e 8 (p. 171-242) são problematizadas as interações entre famílias populares, professores e espaço escolar, assim como as “intervenções” sobre essas famílias.

A pesquisa empírica do autor identificou alguns traços fortes do modo de socialização nessas famílias, traços que se constituem em bases das *oposições fundamentais* entre as lógicas das famílias populares e as lógicas escolares. O modo de autoridade familiar, uma relação “instrumental” (cuja fonte é “a lógica da eficácia”) e ambígua com a escola foram os traços apontados. *O modo de autoridade* nas famílias investigadas se destacou como o principal terreno onde se processam essas oposições. Um modo de autoridade que se define pelas “sanções imediatas e contextualizadas”. As sanções prevalecem sobre sua justificação; as punições são pouco discutíveis ou negociáveis: “a moral que é associada [à punição] ou que a subtende não é explicitada, ou pouco explicitada” (p. 115). Ou seja, essas práticas não favorecem a interiorização de princípios de comportamento, de autonomia, porque “a autoridade é inseparável do contexto no qual ela se aplica” (p. 117). Por sua vez, essa disposição da autonomia apresenta-se altamente valorizada e requerida pela escola.

Para abordar o *modo escolar de socialização*, Thin o inscreve no contexto do processo sócio-histórico de constituição da escolarização na sociedade contemporânea, apontando, na descrição do fenômeno, dois eventos centrais. O primeiro evento diz respeito à extensão da possibilidade de escolarização prolongada para as camadas populares, fenômeno que acaba transformando a escola em algo “incontornável” para essas camadas, na medida em que passa a determinar, em grande medida, a posição social de cada indi-

víduo. Assim, a emergência do fenômeno do “fracasso escolar” inscreve-se nesse contexto de transformações da expansão da escolarização e recai, sobretudo, sobre os filhos das famílias mais distantes do modo escolar de socialização. A noção de “fracasso escolar” se desenvolve a partir dos anos 60, quando a escolarização abarca o nível do secundário. A emergência e desenvolvimento do *modo escolar de socialização* constituem o segundo evento de relevância mencionado, modo que se caracteriza pelo fato de que a escola realiza um modo de socialização próprio, nomeado *forma* ou *modo escolar de socialização*.⁴ Dentre os traços centrais dessa forma de socialização destacam-se: 1) sua oposição ao modo de socialização prático – presente de forma contundente nas famílias de camadas populares; 2) sua autonomia em relação às práticas socializadoras existentes no contexto social mais amplo, o que lhe confere uma demarcação enquanto “relação pedagógica”. Rompendo com modos de socialização anteriores, a escola passa a se constituir como um espaço sociocultural original.

A análise das relações entre famílias populares e escola – que atravessa toda a obra como questão fulcral –, é trabalhada na perspectiva de *um confronto desigual* entre as práticas socializadoras das famílias populares e o modo escolar de socialização, tendo em vista, por um lado, os modos próprios de socialização de cada uma dessas instâncias e, por outro, a predominância do modo escolar de socialização. O autor se debruça sobre a questão de como as lógicas escolares são confrontadas com as lógicas das famílias populares, diferentes e muitas vezes contraditórias entre si, sobretudo quando esse confronto se dá com aquelas famílias mais distantes do modo escolar de socialização. Essa distância produz um confronto desigual que é explicado pelas razões que se seguem. Em

⁴ VINCENT, G. *L'Éducation prisonnière de la forme scolaire? Scolarisation et socialisation dans les sociétés industrielles*. Lyon: PUL, 1994 e VINCENT, G.; LAHIRE, B.; THIN, D. Sobre a história e a teoria da forma escolar. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 33, 2001, p. 7-47.

primeiro lugar, as práticas e as lógicas escolares tendem a se impor às famílias populares. Em segundo, os pais, que dominam precariamente os saberes, as formas de aprendizagem e as regras da vida escolar, são constrangidos a “jogar o jogo da escolarização”, tendo em vista o futuro dos filhos, fato que a análise sócio-histórica tem mostrado. Finalmente, os pais vivem as suas práticas como ilegítimas e como legítimas as da escola. Num sentido mais amplo, as relações das famílias populares com a escola circunscrevem-se no quadro das relações dessas famílias com o mundo dominante e, assim, as dificuldades que derivam daí são estruturais, porque produtos de uma oposição profunda entre duas lógicas sociais diferentes; não apenas “mal-entendidos”.

Para concluir, destaco na obra quatro abordagens das relações entre famílias populares e escola que, a meu ver, abrem possibilidades para uma análise mais refinada e complexa dessas relações e para rupturas com modos correntes de concebê-las.

1) Oposição à idéia corrente de que uma aproximação entre escola e famílias populares teria um efeito determinante sobre a escolaridade dos filhos, portanto, sobre a produção do sucesso ou do fracasso escolar. Esse seria, ao contrário, um pressuposto não verificado e discutível.⁵ As relações entre famílias populares e escola não seriam redutíveis à luta contra o fracasso escolar, mas ultrapassariam as questões de escolaridade, explicando-se pela dimensão social e política da confrontação entre lógicas de socialização diferentes.

2) Essas relações não seriam necessariamente conflituosas, tendo em vista que a tensão permanente que as permeia resolve-se, muitas vezes, seja via ajustamentos recíprocos –

⁵ Tese que o autor compartilha com S. Laacher, *L'école et ses miracles* - Notes sur les déterminants sociaux des trajectoires scolaires des enfants des familles immigrées, *Pblitix*, n. 12, 1990 e B. Lahire, *Sucesso escolar nos meios populares* - As razões do improvável, Ática, 1997.

do lado das famílias, por exemplo, por apropriações, ainda que parciais, das lógicas escolares –, seja pelo distanciamento efetivo entre os protagonistas de um lado e de outro.

3) A tese de que não se pode reduzir a análise dessas relações a uma unilateralidade que vai da escola para as famílias, mas que é preciso considerar a existência de resistências e apropriações objetivas empreendidas por essas famílias (ainda que não planejadas como tais), fenômeno que produz dificuldades reais para os professores, os quais, em certa medida, devem adaptar suas práticas a essas oposições (cap. 7, 8, 9). Nesse sentido, a confrontação desigual entre famílias populares e escola é, ela mesma, socializadora. Essa tese fundamenta-se na concepção de que, como todas as relações sociais, as relações entre famílias populares e escolas são também relações de interdependência.⁶ Complexas e paradoxais, atravessadas por diferenças e oposições e, sendo também relações de dominação, elas produzem contrangimentos, ao mesmo tempo, sobre as famílias e sobre os educadores.

4) Finalmente, a necessidade de romper com uma sociologia da educação inteiramente voltada para a escola e para os efeitos estruturais da escolarização. O foco se volta para *os processos de socialização*, processos que atravessam diferentes instituições, que mostram variações conforme as distintas configurações sociais no interior das quais os sujeitos se produzem. Assim, esse modelo de análise permite pensar rupturas, diferenças e tensões, em função dos distintos pertencimentos e trajetórias sociais dos indivíduos.

Recebido: 3-12-04

Aprovado: 20-12-04

⁶ Tal como teorizadas por Norbert Elias, sobretudo em *Qu'est-ce que la Sociologie?* Edition L'Aube, 1991.